

As questões de texto e contexto no Rio Grande do Sul: O caso Jornal do Almoço e MST

Fábio Souza da Cruz **[1]**
Universidade Católica de Pelotas
(Descargar PDF) - (Descargar SWF)

Resumo: O trabalho apresenta um estudo envolvendo um movimento social - o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) - e a mídia do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, mais especificamente o JA (Jornal do Almoço), de Jansenia, RJ. O estudo analisa a perspectiva das mediações, de Jesus Martin-Barbero, ao verificar como se configuram os movimentos de produção e recepção, a pesquisa levava em conta as questões de texto e contexto. A comunicação, São entrevistados membros do Movimento com vistas a colher dados e posicionamentos a respeito de como o MST se vê no JA. O corpus desta pesquisa é constituído por edições veiculadas pelo JA durante o "Abril Vermelho" (1997-1998), período que caracterizou um mês de manifestações dos mais diversos tipos, anunciadas e realizadas pelo MST no ano de 2004. São adotados os pressupostos teórico-metodológicos de Douglas Kellner e a Pedagogia Crítica da Mídia, e Jesus Martin-Barbero e a teoria das mediações.

Palavras-chaves: Cultura da mídia; mediações; movimentos sociais; teletjurnalismo.

Abstract: This work presents a study about a social movement - the MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) - and the media in Rio Grande do Sul state, Brazil, particularly the JA (Jornal do Almoço) - the local televised news at non from RBS TV, an affiliate of RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação). Members of the Movement are interviewed in order to collect their opinions about how the MST sees itself on the JA. The corpus of this research is constituted of programs aired by the JA during "Red April", a period that was marked by a month of public manifestations of many types, announced and realized by the MST in 2004. The work is theoretically methodologically based on Douglas Kellner and the Critical Media Pedagogy, as well as Jesus Martin-Barbero and the Mediations Theory.

Keywords: Media; teletjurnalism; textual analyses; reception analyses.

Introdução

Este artigo pretende investigar como uma determinada identidade cultural **[1]** - o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) - interage com os textos veiculados pelos meios de comunicação - a RBS TV (emissora da Rede Brasil Sul de Comunicação, através do JA (Jornal do Almoço)) - construindo uma forma, suas concepções e interpretações frente as informações apresentadas a este referido programa a respeito do próprio Movimento.

Um dos focos deste estudo é o MST - consiste em um movimento social formado por agricultores do campo, que surge em 1984, na cidade de Cascavel, no estado do Paraná. Insatisfeitos com os rumos de uma política que beneficie o homem do campo, os integrantes do Movimento, oriundos das mais diversas partes deste mosaico social que é o Brasil, emergem, assim, como novos atores na luta pela terra, para a televisão, reivindicando a implantação de uma reforma agrária digna e justa.

Por outro lado, hoje, a televisão ocupa um lugar central na vida das pessoas. Esse meio agrega os indivíduos virtualmente, promovendo uma verdadeira alavancagem social das mais variadas classes sociais. Nesse processo, afiliada da Rede Globo de Televisão desde 1967, a RBS é considerada a emissora de maior audiência no Rio Grande do Sul, constituindo, assim, em um dos principais agentes de mediação da cultura no estado, possuindo caráter hegemônico.

A investigação partirá do MST, que terá sua história construída através de um exercício de contextualização, relacionando a questão agrária no Brasil e a política brasileira a partir de 1984, ano de fundação do Movimento. Posteriormente, será apresentado um breve perfil da RBS e do JA.

Como eixo central, a pesquisa fará uma articulação entre os pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia Crítica da Mídia, de Douglas Kellner e a perspectiva das mediações, de Jesus Martin-Barbero. Ao verificar como se configuram os movimentos de produção e recepção, a pesquisa levava em conta as questões de texto e contexto.

A técnica utilizada na recepção será o grupo de discussão **[2]**. Assim, objetiva-se detectar tendências de posicionamentos dos movimentos sociais sobre a grande mídia, com base em integrantes do MST. Neste sentido, o corpus de estudo da investigação é composto por edições do JA do mês de abril de 2004, época em que se deu o "Abril Vermelho" **[3]**. O enfoque empírico da pesquisa consistirá em um grupo de agricultores que pertence a assentamentos localizados no interior do município de Ganguçu, situado a 238 km da capital Porto Alegre.

1. O MST e a Trajetória de Luta pela Terra

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) foi gestado a partir de 1979, motivado por inúmeros acontecimentos, dentre eles "o aspecto sócio-econômico das transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 1970" (Stedile e Fernandes, 2001, p.151). O que aconteceu, então, é um processo de modernização das tecnologias no campo, ao mesmo tempo em que se mantém a concentração de terras e que, conseqüentemente, acarreta a exclusão social.

Tendo sua origem vinculada principalmente às lutas que aconteceram no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, o Movimento também deve muito de sua força à Comissão Pastoral da Terra (CPT) **[4]**, que surge em 1975, em Goiânia, capital do estado de Goiás.

Com a frase "Ocupação é a única solução" **[5]** (Stedile e Fernandes, 2001, p.52), o MST foi oficializado no mesmo período em que o País lutava pela volta da democracia, em 1984, durante o primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem-Terra, em Cascavel (Paraná). Chamando novamente para a corrupção, o líder do MST e o então diretor do Estabelecimento **[6]** e sugere a criação de leis novas **[7]**.

Em seu primeiro discurso, na madrugada de 22 de abril de 1985, logo após o falecimento de Tancredo Neves, dentre outras medidas, José Sarney (1985-1989) promete implantar a reforma agrária no País, o que não ocorre. Esse governo marca um período de ocupações de sedes do INCRA **[8]**, além de uma série de desapropriações e assentamentos **[9]**.

Mais tarde, em 1989, durante o período das eleições presidenciais no País, "Ocupar, resistir e produzir" é definida como a nova palavra de ordem do Movimento (Stedile e Fernandes, 2001, p.53) **[10]**. Nesse mesmo ano, a vitória de Fernando Collor de Mello (1990-1992) sobre Luiz Inácio Lula da Silva indicaria um futuro difícil para o MST. O eleito entra para a história como o que menos assentou famílias. Por contrário, foi quem mais reprimiu os Sem-Terra, com invasões da Polícia Federal a secretarias estaduais do MST, acarretando roubo de documentos, além de processos judiciais e pedidos de prisão contra membros do Movimento. Com um governo marcado pela corrupção, Collor sofre o processo de impeachment em 1992. Assume, então, o seu vice, o mineiro Itamar Franco (1992-1994), que, dentre os presidentes da república, foi o primeiro a receber o MST.

Como presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) assentou milhares de famílias, mas, no entanto, a política neoliberal de seu governo promoveu a pobreza no campo o que, entre outros fatores, acabou engrossando os chamados cinturões de miséria no meio urbano.

A esperança de novos rumos para o MST surge através da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em outubro de 2002. Apesar disso, o que se seguiu foi uma política agrária que, comparada ao momento anterior, teve poucas mudanças significativas, o que gerou frustração por parte dos Sem-Terra.

O Movimento atua em 23 estados, envolvendo mais de 1,5 milhão de pessoas, possuindo 300 mil famílias assentadas e 80 mil vivendo em acampamentos. Sua direção nacional é formada por 21 membros; conta com cerca de 400 associações de produção, comercialização e serviços, 49 cooperativas de produção agropecuária, 32 cooperativas de prestação de serviços, duas cooperativas regionais de comercialização e três cooperativas de crédito, além de 96 pequenas e médias agroindústrias, que processam frutas, hortaliças, leite e derivados, grãos, café, carnes e doces (Morissawa, 2000) **[11]**.

Alçada à produção está a educação. Cerca de 160 mil crianças estudam, da primeira à quarta série do ensino médio, nas 1800 escolas públicas dos assentamentos. Aproximadamente 20 mil jovens e adultos frequentam o curso superior através do programa de alfabetização, desenvolvido em conjunto com a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e universidades **[12]**.

Como identidade visual, o MST apresenta "a bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho (...) [e] o uso do boné (...)". (Stedile e Fernandes, 2001, p.132). Entretanto, sua marca é criada a partir de uma ausência, a de não possuir terra. O Movimento luta pelo direito à terra, o trabalho e a sobrevivência. Sem isso, o agricultor perde a sua dignidade, sendo por isso, vencido.

No que se refere ao setor de comunicação, o MST produz um jornal mensal, o "Sem-Terra", desempenha atividades de assessoria de imprensa no próprio Movimento e, além disso, tem programas de rádio em emissoras locais espalhadas por boa parte do País.

Depois de passar por várias fases no que se refere à sua organização e construção, o MST chega aos dias de hoje tendo a reforma agrária **[13]** como uma de suas principais bandeiras de luta. No entanto, essa não é mais a sua única preocupação. Agora também apresentam novas frentes reivindicando a melhoria da produção de crédito, escola, saúde e moradia. O Movimento também exerce a democracia, da cidadania e da participação dos trabalhadores enquanto construtores de suas próprias histórias e da sociedade em que estão inseridos. Essa atividade responde à decisão de que a batalha dos Sem-Terra não termina com a conquista da terra.

2. A RBS TV e o JA: um breve perfil

Primeira afiliada da Rede Globo no País, a RBS é um conglomerado de comunicação pertencente à família Sirotzky. Apresenta, em seus marcos iniciais, a filiação de Maurício Sirotzky Sobrinho à Rádio Gaúcha, na condição de sócio, em 1957. Cinco anos depois, a TV Gaúcha é criada (RBS TV, 1995). Em 1967, associa-se à Rede Globo (Cruz, 1996; Schirmer, 2002; Iser, 2005), e, mais tarde, passa a se chamar RBS TV.

Desde então, a RBS TV distribui a sua programação intercalando as produções que vêm da matriz com material da própria emissora. Prioriza noticiários, esporte, cultura, saúde e entretenimento. Além disso, apresenta uma marcada identidade gráfica, aliada em documentários, programas jornalísticos e musicais.

Emissor da emissora de Porto Alegre, a RBS TV **[14]** conta com onze sucursais espalhadas pelo interior do Rio Grande do Sul **[15]**, além de cinco distribuídas pelo vizinho Santa Catarina. Dando espaço à cultura regional dos dois estados, a RBS TV abrange 99,7% das casas que possuem televisão **[16]**.

Nos noticiários televisivos, a RBS TV tem a sua principal produção. Desta forma, a emissora demonstra a preocupação em veicular informações de interesse de cada região. Assim, intercala seus noticiários, com programação para cada região, (...) apresentados pelas emissoras de blocos locais, compostos por notícias específicas das áreas de abrangência da emissora. Além do matutino "Bom Dia Rio Grande" **[17]** e do noturno "RBS Notícias" **[18]**, apresenta, ao meio-dia, o "Jornal do Almoço" **[19]**.

Indo ao ar de segunda-feira a sábado, o JA apresenta, em suas edições, notícias vinculadas às áreas econômica, política, policial, de entretenimento e cultura. No obstante a isso, informa a previsão do tempo e mostra entrevistas ao vivo (no estúdio e externas). Possui dois apresentadores em sua bancada, além de comentaristas.

No ar desde 1972, o JA possui, atualmente, cerca de 45 minutos. Intervala blocos de interesse geral, transmitidos, na maioria das vezes, pela principal emissora, a Rede Alecrim **[24]**. Já a ação figurai implica mostrar os desdobramentos sociais de acordo com o contexto do público, expondo, assim, os reflexos da cultura da mídia no sociedade.

Detentor de grande audiência entre os teletjornais produzidos no Rio Grande do Sul, o JA constitui-se, desta forma, num espaço de tematização da cultura gaúcha. Justamente por possuir interesse em reforçá-la, a questão rural é também abordada pelo JA. Inserem-se, nesta perspectiva, os movimentos sociais ligados à questão do campo. Deste cenário, portanto, faz parte o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

3. Novos Olhares sobre a Mídia: a pedagogia crítica e as mediações

De origem norte-americana, Douglas Kellner tem seu lugar de fala nos movimentos de contracultura dos anos de 1960, na recessão da primeira metade da década de 1970 e na implosão da Rússia, a partir de 1980. Articulador de teorias, o autor **[20]** afirma que não há justificativa para estudar em separado a cultura e os estudos da mídia num processo em que estes são enfiados por aquela.

Considerado um dos maiores representantes da corrente dos estudos culturais **[21]** nos Estados Unidos, Kellner contempla em suas investigações os mais diversos textos da cultura da mídia, com o objetivo de elucidar tendências dominantes e de resistência, vislumbrar perspectivas historicas e também analisar a forma como os meios de comunicação agem com vistas a influenciar a identidade dos indivíduos.

Para Kellner, a leitura dos estudos culturais críticos e política **[22]** reflete o cenário de práticas e discursos da sociedade. Assim, nesta realidade, tem-se que estudar a cultura da mídia não é apenas estudar a produção de mídia, mas também a recepção, pois os sentidos que a cultura da mídia produz nas pessoas e, ainda, quais os reflexos entre contr-hegênicos que podem ser detectados nessa.

Há, na sociedade, uma nítida separação entre forças hegemônicas e contra-hegemônicas. Através do poder simbólico, essa perspectiva se insere também na cultura da mídia, com vistas a manter o pensamento da classe que está no poder. Observa-se também que todas as situações, todos os conflitos da atualidade são perpassados pelos meios de comunicação, que resultam, assim, no braço mais poderoso da cultura. Inerente ao poder, ela [a mídia] consiste no centro de todos os acontecimentos do mundo contemporâneo. Nesta realidade, diversos grupos sociais procuram utilizá-la a fim de divulgar suas ideologias à sociedade.

Tendo em vista a realidade exposta, nos estudos da cultura da mídia propostos por Kellner (2001), em uma determinada circunstância histórica, são analisadas a produção da cultura midiática, sua distribuição, através de um meio técnico ou canal, o texto e a recepção deste pelos públicos, também dentro de um contexto.

O processo de produção midiática, portanto, recepção. Neste sentido, Jesus Martin-Barbero (1997) atenta para os lugares de fala dos indivíduos. É importante averiguar em que condições as falas estão sendo constituídas e construídas. Estas "posições de enunciação" (Hall, 1996) são individuais e baseiam-se em um contexto particular e, ao mesmo tempo, público, ou seja, refere-se a identidade cultural de cada pessoa a qual, cabe ressaltar, consiste em um processo sempre em construção, pois interage com o social.

Esse contexto particular, individual, consiste nas mediações, que significam as mais variadas formas culturais através das quais os públicos produtores e receptores apropriam-se das mensagens e produzem sentido. Portanto, o deslocamento dos meios para os atores sociais dentro de cenários específicos estabelecidos, constitui a complexa questão das mediações.

Dentro dessa realidade, Kellner propõe a " pedagogia crítica da mídia", uma nova forma de ver e criticar os textos midiáticos, que acarreta resistência à manipulação e, ao mesmo tempo, promove uma tonificação do receptor com relação à cultura da mídia (dominante). Isto significa dizer que o indivíduo (receptor) estabelecerá significados e usos próprios através da sua própria cultura (lugar de fala), tendo, assim, plenas condições de discernir o conteúdo midiático, produzindo, conseqüentemente, novas formas de cultura.

3.1 A proposta metodológica da pesquisa

Para o presente trabalho, as idéias e anéis de pesquisa ganham força nos pressupostos metodológicos de Martin-Barbero (1997) e Kellner (2001). Tendo como objetivo realizar uma investigação televisiva embasada em uma pesquisa empírica qualitativa **[23]**, a escolha dos autores não implica necessariamente a exclusão de outros.

Ao estudar os textos culturais midiáticos sob o prisma das relações entre ideologias, movimentos sociais e o contexto que os envolvem, inspirado pelo sociólogo Robert Wuthnow, Kellner (2001) lança mão de quatro categorias, a saber: horizonte social, campo discursivo, ação figurai e impacto cumulativo.

O horizonte social diz respeito às múltiplas relações, às práticas e experiências que se desenvolvem dentro do campo social, e que acabam, desta forma, por contextualizar o local, a época e o cenário em que se dá a produção da cultura da mídia.

O campo discursivo contempla todos os elementos (atores hegemônicos e contra-hegemônicos, dominantes e dominados, superiores e inferiores, produtores e receptores) envolvidos na produção **[24]**. Já a ação figurai implica mostrar os desdobramentos sociais de acordo com o contexto do público, expondo, assim, os reflexos da cultura da mídia no sociedade.

Outra categoria importante é o impacto cumulativo. De acordo com Interesses particulares, determinadas estruturas podem ser denegadas ou favorecidas pela mídia, quando esta promove constantemente imagens e discursos com o objetivo de afetar a opinião das pessoas. Essas "imagens ressonante" vão ao encontro das mesmas preocupações fazendo com que estas formem concepções favoráveis, ou não, sobre os elementos envolvidos na questão. Neste caso, certas construções poderão correr o risco de resultarem em posicionamentos estereotipados e até mesmo mecânicos.

Fazendo coro aos pressupostos metodológicos de Kellner e, ao mesmo tempo, complementando os, Martin-Barbero estabelece, com forte ênfase na cultura e na política, o deslocamento "dos meios para as mediações". Essa diversidade cultural remete aos lugares de fala de cada pessoa, os quais demarcam uma forma particular, individual de observar, interpretar e produzir sentido, conforme abordado anteriormente.

Assim, promove três lugares de mediação, a saber: "a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a contemporaneidade cultural" (1997, p.292). Para esse autor, com relação ao primeiro caso, na América Latina, as pessoas se reconhecem na televisão e no rádio. Isso não é diferente. No entanto, para que essa situação possa ser entendida, faz-se necessário estudar em contexto essas famílias. O segundo caso aborda a ligação entre os tempos de produção e as rotinas cotidianas de recepção. Já o último aspecto refere-se às mais variadas bagagens culturais dos componentes da esfera receptiva; o que corrobora para um modo específico de ver/ler, interpretar e usar os produtos da cultura midiática.

Portanto, sendo ativo e dono de uma cultura particular, o receptor produz determinados códigos culturais: a reprodução, em que aceita tudo o que recebe, o que o constitui em uma espécie de cúmplice do pensar hegemônico; a negociação, em que aceita algumas partes daquilo a que está exposto e outras não; e a resistência, processo em que não há aceite de propostas de sentido oriundas da mídia, o que acarreta uma construção alternativa ou contraproposta (Hall, 2003) **[25]**.

Conforme colocado antes, os referenciais metodológicos desenvolvidos por Kellner e Martin-Barbero apresentam múltiplos pontos em comum. Juntos, esses procedimentos podem originar uma reformulação no sentido de investigar as formas simbólicas construídas pelos produtores e receptores, interpretando, assim, a produção e a recepção da cultura da mídia através de discussões, corroborando sobremaneira para um pensar crítico.

A idéia de que recepção não é receber, mas, sim, interagir com o meio em função da identidade é simpática à discussão pretendida. Sabe-se que todas as pessoas, por mais distintas que sejam, têm um repertório de significados que serão tensionados (e negociados) com as produções midiáticas, formando - ou não - novos conhecimentos e ocasionando determinadas respostas na sociedade.

Para isso, nesta pesquisa, julga-se pertinente a realização de grupos de discussão o que, de acordo com Lopes et al. (2002, p.57), "vem a ser uma entrevista coletiva (não estruturada) na qual o objetivo presuppõe o pesquisador sair de casa e deixar o grupo debater e refletir sobre suas próprias interpretações". Nesta pesquisa, tentar-se-á, portanto, verificar a opinião de um grupo de agricultores a respeito das edições do JA sob o MST, durante o "Abril Vermelho".

4. Análises

A proposta metodológica desta investigação consiste em dois momentos: em primeiro lugar, analisar, de forma panorâmica, os textos do JA, levando em conta os seus contextos de produção, durante o mês de abril de 2004, período denominado pela mídia como o "Abril Vermelho".

Sendo assim, o JA começa a noticiar o MST no dia 29 de março, exatos dois dias após o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, abordar uma fala do coordenador do Movimento, João Pedro Stedile, feita no estado do Mato Grosso do Sul, iniciando uma onda de invasões pelo Brasil, com o sentido de forçar o governo federal a acelerar a reforma agrária.

No obstante, do início ao fim do mês de abril, foram contadas ao todo 18 edições do teletjornal, em que o tema MST apareceu. Além das notas em estúdio, e de reportagens mostrando invasões e bloqueios de estradas, por exemplo, o JA também dispensou atenção ao Movimento através das falas dos comentaristas Ana Amélia Lemos, da sucursal da emissora em Brasília, e Lasier Martins.

Destarte, em um horizonte social que denota uma clara aversão ao MST e a reforma agrária idealizada pelo Movimento, o JA apresenta um discurso em sintonia com as forças hegemônicas, o que pode ser evidenciado, por exemplo, quando o teletjornal afirma que as invasões de terras em áreas produtivas do agropneço. Neste sentido, em uma de suas falas, Lemos chega a opinar o presidente da FIEEP (Federação das Indústrias de São Paulo), Horácio Lafer Vieira, o qual, ao passo em que reclusassem as ocupações, afirmava que estas eram vistas como "um impedimento no atrativo de investimentos estrangeiros no País". Tal declaração traduz um forte apelo ideológico, que também pode ser verificado quando, em duas edições, é feita uma ligação do Movimento com o governo Lula, "principal aliado do MST".

Em um campo discursivo onde atuam os governos federal e estadual, ruralistas e Sem-Terra, a justiça, a própria mídia, a igreja e o empresariado, os desdobramentos (ação figurai) sempre remetem à idéia de incapacidade do Estado em tomar providências, o que gera instabilidade. Além disso, as invasões e os protestos em diversas cidades gaúchas, através de bloqueios de estradas, por exemplo, afetam ainda "a imagem da região". No entanto, para que essa situação possa ser entendida, faz-se necessário estudar em contexto essas famílias. O segundo caso aborda a ligação entre os tempos de produção e as rotinas cotidianas de recepção. Já o último aspecto refere-se às mais variadas bagagens culturais dos componentes da esfera receptiva; o que corrobora para um modo específico de ver/ler, interpretar e usar os produtos da cultura midiática.

Reforçam isso frases como "o Brasil está virando uma bagunça", "Além Deus nos acuda", "é um desconcerto geral" e "a anarquia está crescendo", sublinhadas por Martins em suas falas. Já em outro, o comentarista também adota termos como "atormentado", "bagunça" e "incomodar", para se referir ao MST.

A cobertura do JA sobre o MST durante o "Abril Vermelho" lança mão de um impacto cumulativo de cunho negativo sobre o MST e o governo federal, que legitima uma ação dos fazendeiros e do judiciário sobre o Movimento, o que traz também a dependência da emissora a determinados setores (forças da sociedade).

Em segundo lugar, no que tange ao processo de recepção, é pertinente contextualizar o enfoque metodológico da pesquisa: são agricultores católicos, pessoas de origem e formação escolar humilde, que vieram também do meio urbano em busca de melhores condições de vida.

Trajando roupas simples e bonés, não raro os membros do Movimento vestem camisetas de políticos ligados ao PT (Partido dos Trabalhadores), e bonés de líderes históricos da esquerda latino-americana, como o guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara. Os integrantes da investigação eram todos agricultores jovens, crianças e idosos, apresentam uma linguagem típica do meio rural. Percebe-se também a utilização conjunta do termo "companheiro" entre eles. Bem conhecidos, durante a interrupção do grupo de discussão, cada um respeitava a fala do outro - ordenada por inscrição - sem, em nenhum momento, interrompê-la.

Em sua análise, o integrante Rival questionou o modelo econômico global e atentou para a conscientização da sociedade com relação a esta questão. Também deixou clara a sua descrença para com os políticos. Ressaltando que a visão da mídia é de que o mundo o status quo, o que legitima uma ação dos fazendeiros e do judiciário sobre o Movimento, ao mesmo tempo em que impetrou contra um dos líderes do MST, João Pedro Stedile, a partir de uma matéria veiculada pela RBS TV. Finalizou a sua intervenção afirmando que acreditava nas rádios e jornais comunitários como formas de resistência à grande mídia brasileira.

A Sem-Terra Patricia falou que, antes de analisar como o MST enxergava a mídia, era necessário pensar o que o MST entende por essa. Nesse sentido, afirmou que tinha, nas rádios comunitárias, "mais um companheiro" e que a RBS era "intento de enganar os brasileiros". Não há companheiro, não há intenção. No entanto, para que essa situação possa ser entendida, faz-se necessário estudar em contexto essas famílias. O segundo caso aborda a ligação entre os tempos de produção e as rotinas cotidianas de recepção. Já o último aspecto refere-se às mais variadas bagagens culturais dos componentes da esfera receptiva; o que corrobora para um modo específico de ver/ler, interpretar e usar os produtos da cultura midiática.

Portalecendo os argumentos colocados anteriormente, Odair vê a RBS como um aparelho que cria uma imagem distorcida do MST ligada ao crime, o que legitima uma ação dos fazendeiros e do judiciário sobre o Movimento, ao mesmo tempo em que invalida as lutas dos Sem-Terra, o que é confirmado por Jaír. Neste sentido, Paulo compara os meios de comunicação da uma arma: perigosa e com graves conseqüências na sociedade.

Considerações Finais

É na mídia que, atualmente, encontra-se a forma dominante de cultura. Através de um véu sedutor que combina o verbal com o visual, a cultura da mídia - que é a cultura da sociedade - traduz uma ampla dependência entre comunicação e cultura. Através desta inter-relação, os meios de comunicação divulgam determinados padrões, normas e regras, ensinam o que é bom e o que é ruim, o que é certo e o que é errado; fornecem símbolos, mitos e estereótipos através de representações que modelam a vida de mundo (imaginário social) de acordo com a ideologia vigente.

Nesta realidade, visualiza-se o contexto de produção do JA: agitado a respeito das notícias particulares, que respeitam determinados dogmas, o teletjornal dispensa, desta forma, determinada modelagem às suas intenções. Tal cenário sedimenta uma mensagem defensora de setores ilegítimos, no caso específico da pesquisa, aos fazendeiros gaúchos, ao judiciário e, de quebra, ao governo estadual. No obstante, legítima uma intervenção mais extremista da polícia.

Por outro lado, ao divulgar conflitos sociais entre grupos divergentes, a mídia pode vir a promover a aparição de movimentos de resistência à ordem vigente. É o que se percebe na luta dos integrantes do MST sobre as notícias do JA. Com base nos seus contextos particulares, esses conflitos sociais são textuados no teletjornal de maneira resistiva.

Mostrando sintonia com a ideologia vigente, a RBS simplifica questões complexas sem contextualizar a questão da reforma agrária no Brasil, por exemplo, segue uma defesa do Estado mínimo, sem levar em conta os problemas sociais como o dos Sem-Terra, lançando mão, muitas vezes, de frases impactantes, espetaculares. O resultado disso? O enfraquecimento de determinados setores e, no caso específico desta investigação, do MST.

Referências

Cruz, Dulce Márcia (1996). Televisão e Negócio. A RBS em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC.

Escosteguy, Ana Carolina Damboiareana (2003). Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção dos anos 90. Porto Alegre: PUCRS.

Fernandes, Bernardo Mancano e Stedile, João Pedro (2001). Brava Gente - A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Görgen, Sérgio Antônio (1987). "Cristãos e a Questão da Terra. São Paulo: FTD.

Görgen, Sérgio Antônio (org.). (1991). Uma Foice Longa da Terra. A repressão aos sem-terra nas ruas de Porto Alegre. Petrópolis: Vozes.

Hall, Stuart (1996). Identidade Cultural e Diáspora. Revista do Patrimônio Histórico e Antistórico Nacional, 24, 68-76

Hall, Stuart (2003). Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG.

Hierasky, Daniela Aline (2004). O Pampa virou Cidade: um estudo sobre a identidade cultural nas produções de teletjornais da RBS TV. Porto Alegre: UFRGS.

Iser, Fabiana (2009). Teletjornal e Identidade Étnica: midiaticização e mediação na recepção do Jornal do Almoço por afro-brasileiros, austríacos e letos. São Leopoldo: Unisinos.

Jacks, Nilda (2003). Mídia Nativa. Mídia social e cultura regional. Porto Alegre: Universidade/UFRGS.

Kellner, Douglas (2001). A Cultura da Mídia. São Paulo: EDUSC.

Lopes, Maria Immacolata Vassolo de; BORELLI, Sílvia Helena Mendes; RESENDE, Vera da Rocha (2002). Vivendo com a Televisão: mediações, recepção, telefuncionalidade. São Paulo: Summus.

Martin-Barbero, Jesús (1997). Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ.

Morissawa, Mitsuru (2001). A História da luta pela Terra e o MST no Brasil. São Paulo: Expressão Popular.

Orzoco Gómez, Guitierrez (2003). Tel-E-Vidências - Metodologias qualitativas de investigação em comunicação, audiências e meios audiovisuais. Porto Alegre, PUCRS.

Ronsini, Veneza (2000). Entre a Capela e a Caixa de Abelhãs - Identidade cultural de gringos e gaúchos. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP. Rio de Janeiro: UFRJ.

Schirmer, Lauro (2002). RBS: da voz-do-poste à multimídia - a história e as histórias nunca contadas da maior rede de comunicação do sul do Brasil. Porto Alegre: L&PM.

[1] Doutor em Comunicação e Práticas Sócio-Políticas (Faculdade de Comunicação Social - PUC/RS). Mestre em Comunicação e Comunicação Corporativa (Faculdade de Comunicação Social - PUC/RS). Especialista em Teorias do Jornalismo e Comunicação de Massas (Faculdade de Comunicação Social (ECOS) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: fablocruz@vetorial.net.

1. A referência diz respeito ao grupo social específico do MST, que possui relações sociais, políticas e culturais particulares.

2. Neste sistema, os assentados assistiram às edições do JA, que contemplam o MST, e tecerão seus comentários.

3. Período marcado por diversas manifestações por parte do MST. Como saldo, resultou na realização de 135 ocupações, por 33411 famílias, em 20 estados brasileiros, de acordo com informações do próprio Movimento.

4. Segundo Stedile e Fernandes (2001, p.19), a CPT é um "organismo pastoral da Igreja católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (...) Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses e tem como uma das principais tarefas a luta contra os problemas da terra.

5. A ocupação de terras surge como uma das principais táticas dos membros do MST, com o intuito de pressionar o poder e chamar a atenção da sociedade para as questões do campo. Neste sentido, a mídia costuma utilizar também o termo "invasão". De acordo com Görgen (1991, p.199), invasão consiste em apoderar-se de propriedade alheia com violência. Ocupar implica apoderar-se legalmente de algo. É um ato político que visa chamar a atenção do poder para o problema dos Sem-Terra.

6. Lei " (...) , que possibilita à desapropriação por interesse social, sem pagamento prévio em dinheiro (...)". (Görgen, 1997, p.19).

7. Segundo Görgen (1987, p.27), "[os Sem-Terra] exigem desapropriação imediata das terras das multinacionais, dos latifúndios e das empresas rurais que ultrapassam 500 hectares, propondo assim o modelo das pequenas propriedades rurais; exigem que o governo ponha fim à violência contra os trabalhadores; exijem o controle dos trabalhadores no processo de planejamento e execução da reforma agrária bem como as devidas condições de vida e produção nas terras distribuídas. Reafirmam as ações de massa, as ocupações e os acampamentos como formas concretas de luta".

8. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

9. Segundo Stedile e Fernandes (2001), foi durante a segunda metade das décadas de 1980 e 1990, que o MST obteve o maior número de assentamentos.

10. E no novo momento, em 1995, se criam outras novas palavras de ordem: "Reforma agrária é uma luta de todos" (Stedile e Fernandes, 2001, p.54-55).

11. Tais empreendimentos geraram emprego, renda e formação de professores e técnicos em assentamentos de assentamentos e cooperativas, para colaborar com o trabalho desenvolvido nos próprios assentamentos.

12. Conforme frisa Görgen (1987, p.44-45), a reforma agrária apresenta inúmeras vantagens no setor econômico como o aumento da produção agrícola, a resolução do problema de alimentação do povo que não possui terra, o aumento da oferta de alimentos básicos para a cidade e maior justiça na distribuição da renda nacional. No campo social, a reforma diminuirá o êxodo rural e o desemprego, melhorará os salários dos operários, haverá tendência de diminuição da marginalidade urbana e da criminalidade e maior bem-estar social, ocasionando melhoria da qualidade de vida. No campo político, haverá um processo de conscientização do povo, maior liberdade e maior participação nos vários níveis, como "sindicatos, partidos, cooperativas, entidades de defesa dos seus direitos, bem como em outros órgãos intermediários e de decisão política social".

14. Ilustrando a postura da RBS, Cruz (1996, p.23) dá a receita: "O crescimento da Rede Brasil Sul está vinculado a determinados fatores que também fomentaram sua expansão: o desenvolvimento da Rede Globo como a principal emissora do País e a televisão vista como um negócio, com uma empreitada comercial que deu-lhe lucro e serendipitadamente em termos determinatos, a racionalização dos processos de produção e participação ativa no momento político podem ser apontados como os principais pontos em comum que agiram como elementos impulsionadores da expansão dos grupos. Além disso, a criação do conceito de rede como uma forma de barateamento da programação, através da centralização da produção possibilitou a concentração de capital necessário à grande renovação tecnológica e crescente eficácia do produto representada pelo "padrão global de qualidade" e seguido à risca pela afiliada gaúcha".

15. RBS TV Bagé, RBS TV Uruguaiana, RBS TV Passo Fundo, RBS TV Pelotas, RBS TV Cruz Alta, RBS TV Santa Maria, RBS TV Caxias, RBS TV Erechim, RBS TV Rio Grande, RBS TV Santa Rosa e RBS TV Santa Cruz (Jacks, 2003).

16. Referente ao estado do Rio Grande do Sul. Dados obtidos junto ao site da emissora: www.cltvbrs.com.br - Acesso em 9 de maio de 2005.

17. Conforme coloca Hienarsky (2004, p.33), o Bom Dia Rio Grande é um "teletjornal apresentado de Porto Alegre, entre 6h30min e 7h15min. Mostra os principais fatos do notício anterior e as principais notícias da manhã. Também dá a previsão do tempo".

18. Consiste no teletjornal "muito curto [...] e é dividido em três